

DESAFIOS DO APOIO AÉREO

A importância da integração entre equipes aéreas e terrestres

O emprego de aeronaves na segurança pública é cada vez mais frequente, ele funciona como um importante força para o cumprimento de operações policiais. A presença de um helicóptero contribui significativamente em diferentes modalidades de apoio, como acompanhamento tático, escolta de drogas apreendidas, busca e localização de pessoas, cumprimento de mandados, extração imediata de policial ferido, entre tantas outras demandas operacionais.

Entretanto, a introdução de uma aeronave em uma ocorrência não significa que eliminará os riscos já existentes. Uma situação que inicialmente envolve apenas policiais em solo passa, a partir do acionamento da aeronave, a envolver também uma equipe aérea, com diferentes canais de comunicação, diferentes perspectivas e diferentes percepções do cenário que está acontecendo em terra.

Quando uma unidade aérea de segurança pública é solicitada para prestar apoio, muitas vezes, quem realiza a solicitação não possui conhecimento sobre todas as regras, limitações e condições necessárias para o emprego seguro do meio aéreo. E nem poderíamos cobrar isso de alguém que, porventura, desconheça os meandros da aviação e seus regulamentos.

É justamente pensando nessas hipóteses que a integração entre as equipes precisa ser uma preocupação constante. O fato de inserir uma aeronave na operação faz com que as informações cheguem em tempo real, exigindo que a comunicação terra-ar seja compreendida por ambas as partes. É preciso alinhar as duas visões distintas: a de quem está embarcado e a de quem está em solo diretamente envolvido no cenário.

Portanto, mesmo se solucionado o problema da comunicação, ainda podem surgir as pressões externas que contribuem para o rompimento de barreiras de segurança de voo — principalmente pressões da chefia, da imprensa, da sociedade ou quando a própria relevância da ocorrência cria expectativas por uma resposta rápida e imediata.

Ocorrências de grande repercussão podem exigir uma resposta operacional imediata. Entretanto, a necessidade de avaliação dos riscos envolvidos no emprego da aeronave deve continuar sendo rigorosamente observada.

Antes da decolagem, é fundamental responder:

- Para onde estamos indo e qual é o objetivo do apoio?
- Qual é o tempo estimado de missão e a autonomia disponível?
- Como estão as condições meteorológicas e quais são os requisitos para o emprego seguro da aeronave?

Somando-se a isso, faz-se necessária uma comunicação direta e, sempre que possível, constante com a equipe envolvida na ocorrência. Informações aparentemente simples para

quem está no solo podem assumir outra dimensão quando observadas do ar.

O emprego do helicóptero cria duas perspectivas diferentes sobre o mesmo cenário. O apoio a operações policiais objetiva ampliar a eficácia, aumentando as possibilidades de sucesso da missão. Portanto, se não houver sintonia nas informações e clareza sobre os riscos, o apoio aéreo terá pouco ou nenhum efeito prático.

Outro aspecto que merece atenção é que a chegada de uma aeronave pode provocar deslocamento, provocar o downwash, alterar a dinâmica do cenário, chamar a atenção de pessoas que não estavam envolvidas inicialmente ou gerar novas demandas para as equipes terrestres. É nesse ponto que a integração se torna cada vez mais fundamental.

Não basta existir um rádio ou um canal de comunicação entre o ar e o solo. É necessário que exista uma linguagem operacional comum, que as informações sejam claras e que todos compreendam seus papéis dentro da missão. São situações que exigem comunicação objetiva, consciência situacional, confiança e integração.

Como já afirmei em outras discussões, o sucesso do apoio aéreo não depende exclusivamente da capacidade técnica da tripulação. Ele depende da capacidade de as equipes trabalharem como um único sistema, mesmo estando fisicamente separadas.

Por isso, o treinamento conjunto entre equipes aéreas e terrestres contribui significativamente para a segurança e para a eficiência das operações. Quando o pessoal em terra conhece as limitações operacionais do meio aéreo e a equipe aérea compreende as necessidades e limitações de quem está no solo — evitando uma visão exclusivamente aeronáutica da missão —, a operação se torna substancialmente mais eficiente e segura, em solo e no ar.

A segurança operacional, portanto, começa antes da decolagem e não depende apenas daquilo que acontece dentro da cabine. Ela está diretamente relacionada à forma como as diferentes equipes se comunicam, compartilham informações e tomam decisões dentro de um mesmo cenário.

E isso exige integração.

Exige comunicação.

Exige compreensão mútua.

E, acima de tudo, exige que todos os envolvidos compreendam que, embora estejam em posições diferentes dentro da operação, fazem parte do mesmo sistema de segurança.

Cesar Gaspari

Piloto de helicóptero da Polícia Civil há 10 anos, com formação como operador aéreo tático e 16 anos de experiência em operações especiais.